

ESTILOS DE APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS PERGUNTAS E RESPOSTAS?!

(Org.) Daniela Melaré Vieira Barros, dmb Barros@ualg.pt,

Pesquisadoras Colaboradoras

Ana Márcia Zuliani Bianchi, amzbianchi@gmail.com,

Juliana Souza Nunes, julisnunes@gmail.com,

Lia Cavellucci, lia@clctec.com.br,

Sandra Cristina A. Teodósio Santos Valadas, svaladas@ualg.pt,

Resumo

No mês de maio de 2009 aconteceu um dos primeiros eventos de grande escala totalmente online: o 7º SENAEAD (Seminário Nacional de Educação a Distância) Esse encontro foi promovido pelos pesquisadores brasileiros respeitados na área e com o apoio da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância). Tivemos a oportunidade de integrar esse espaço virtual organizando um grupo de discussão sobre estilos de aprendizagem e educação a distância. Para nossa surpresa a adesão de inúmeros colaboradores foi imensa e as discussões foram amplas em uma semana de evento. As perguntas e reflexões foram tão interessantes que resolvemos organizar um material colaborativo com o intuito de teorizar sobre os estilos de aprendizagem e educação a distância e colaborar nas discussões e questionamentos apresentados.

Palavras-chave: estilos de aprendizagem, educação a distância, ensino e aprendizagem.

LEARNING OF STYLES AND DISTANCE EDUCATION: SOME QUESTIONS AND ANSWERS?!

Abstract

In May 2009 came one of the first large-scale events entirely online: 7 SENAEAD (National Seminar on Distance Education) This meeting was promoted by Brazilian researchers with the support of ABED (Brazilian Association of Education distance). We had the opportunity to join this virtual space by organizing a group discussion on learning styles and distance education. To our surprise the accession of numerous collaborators was immense and the discussions were wide in a week of event. The questions and thoughts were so interesting that we decided to organize a collaborative material in order to theorize about learning styles and distance education and help with discussions and questions presented.

Keywords: learning styles, distance education, teaching and learning.

1. Introdução

O artigo que agora apresentamos resulta de uma primeira reflexão sobre os principais questionamentos de um conjunto de pesquisadores e profissionais a propósito do 7º SENAED. Este seminário ocorreu no espaço online, tendo contado com a participação de diversos profissionais da área de educação e tecnologias. Este artigo está estruturado em duas partes distintas: iniciamos com algumas reflexões em torno da teoria dos estilos de aprendizagem (principais fundamentos, características e potencialidades), seguindo-se a apresentação das questões que nos pareceram mais pertinentes resultantes do grupo de discussão online realizado durante o evento.

2. Tecendo os fundamentos teóricos deste artigo

É fato que a tecnologia está cada vez mais presente em várias áreas da nossa vida e a educação não é exceção. Essa presença, com o passar dos anos, vem também possibilitando mudanças em nossa visão sobre as possibilidades e limites do uso de tais recursos. Hoje, de um modo geral, já não presenciamos debates sobre a pertinência ou não do uso pedagógico de recursos tecnológicos. Nós educadores estamos procurando compreender quais seriam os momentos e as maneiras mais adequados, mais relevantes, do ponto de vista dos processos de ensino e aprendizagem para esse uso, considerando também que a introdução de um novo recurso de qualquer natureza em sala de aula não deve simplesmente reforçar práticas instituídas, mas trazer algum grau de inovação. O uso de recursos tecnológicos na educação tem sido acompanhado por ampla discussão sobre a prática pedagógica dos professores no cenário específico do nosso século.

A partir da identificação e compreensão dos elementos que compõem as tecnologias no âmbito educativo e as conseqüentes interferências no processo de aprendizagem, faz-se necessária a inovação e a adaptação deste processo, tanto no contexto teórico, como na estrutura didática.

Entre essas discussões podemos incluir a questão da individualidade dos processos de aprendizagem – os estilos de aprendizagem. Somos aprendizes diferentes uns dos outros, cada um de nós tem seu próprio “jeito” de aprender e, se tivermos consciência dessa idiosincrasia e a levarmos em conta no planejamento e na realização de atividades de ensino e aprendizagem, poderíamos alcançar melhores resultados tanto como professores, quanto como aprendizes. Nesse caso, os recursos tecnológicos são bons aliados, aumentam as possibilidades de diversificação das propostas de ensino e aprendizagem, propiciando a expressão dessas idiosincrasias e o enriquecimento do nosso repertório pessoal como aprendizes.

A teoria dos estilos de aprendizagem contribui muito para a construção do processo de ensino e aprendizagem na perspectiva das tecnologias, pois considera as diferenças individuais e é flexível, permitindo estruturar as especificidades voltadas às tecnologias atendendo as necessidades dos

indivíduos envolvidos no processo.

Os estilos de aprendizagem, de acordo com Alonso e Gallego (2002), com base nos estudos de Keefe (1998), são traços cognitivos, afetivos e fisiológicos, que servem como indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem a seus ambientes de aprendizagem.

Os estilos de aprendizagem referem-se a preferências e tendências altamente individualizadas de uma pessoa, que influenciam em sua maneira de apreender um conteúdo. Conforme Alonso e Gallego (2002), existem quatro estilos definidos: o ativo que valoriza dados da experiência, entusiasma-se com tarefas novas e é muito ágil; o reflexivo que atualiza dados, estuda, reflete e analisa; o teórico que é lógico, estabelece teorias, princípios, modelos, busca a estrutura, sintetiza; e o pragmático que aplica a ideia e faz experimentos.

Ao contrário do que podemos pensar, essa teoria não tem por objetivo medir os estilos de cada indivíduo e rotulá-lo de forma estagnada, mas identificar o estilo de maior predominância na forma de cada um aprender em um determinado momento, com o intuito de tornar as pessoas aprendizes mais conscientes de seus processos de aprendizagem e do que é necessário ser trabalhado para o desenvolvimento das competências relacionadas aos outros estilos não predominantes. Esse processo deve ser realizado com base em um trabalho educativo que possibilite que os outros estilos também sejam contemplados na formação do aluno.

A teoria de estilos de aprendizagem é uma das teorias da educação que nos facilita entender as tecnologias como nossas aliadas na compreensão sobre nosso jeito de aprender, uma vez que a partir através delas podemos experimentar novas estratégias, técnicas, habilidades que podem até nos tornar aprendizes mais competentes. Esta teoria nos ajuda a verificar a importância do uso das tecnologias no processo educativo exatamente pela oferta de possibilidades que suas interfaces, ferramentas, recursos e aplicativos oferecem para atender as preferências e individualidades.

Utilizar as possibilidades dos recursos tecnológicos e hipermediáticos e suas diferentes linguagens para atender as preferências e individualidades presentes no processo educacional, é a grande perspectiva de aplicação prática da teoria dos estilos de aprendizagem. Aqui em especial analisaremos a questão da teoria de estilos de aprendizagem e a educação a distância (EaD).

Da mesma forma que no contexto presencial, no âmbito da educação a distância, a teoria de estilos de aprendizagem é mais condizente e pode ser mais bem explorada em cursos com abordagens construcionistas, cujas práticas pedagógicas sejam centradas na aprendizagem no aluno e que destacam os aspectos didáticos e pedagógicos do uso de ferramentas tecnológicas e dos ambientes virtuais.

Considerando essas assertivas, a teoria de estilos pode nos fornecer algumas diretrizes para compreendermos melhor como aprender e como ensinar no virtual. Para tanto, iniciamos nossas análises com os principais argumentos sobre o uso da teoria de estilos na educação a distância:

- Atendimento das individualidades dos estudantes.
- Ênfase no processo metodológico.
- Ampliação das possibilidades de avaliação do aluno.
- Melhoria das possibilidades de aprendizagem no processo educativo a distância.

Esses argumentos são compreendidos na medida em que se percebe que a teoria de estilos propicia outro olhar sobre o modo como as pessoas aprendem, podendo ser utilizado para o entendimento dos processos de aprendizagem em espaços virtuais.

O espaço virtual possibilita formas de aprendizagem diferenciadas das ocorridas no presencial e os estilos de aprendizagem possuem algumas características possíveis de serem identificadas nesse contexto. Estudos realizados sobre essa temática, juntamente com a teoria de estilos de aprendizagem, além de propiciarem a identificação de diferentes perfis da maneira de aprender no virtual, ainda apontam caminhos para direcionar as estratégias didático-pedagógica nesse ambiente de ensino.

De facto, alguns estudos ainda empíricos, têm indicado a importância dessa teoria para a educação a distância, no que diz respeito à melhoria qualitativa dos processos de ensinar e de aprender. A oferta de atividades e materiais didáticos diversificados, direcionados aos diferentes estilos, a consciência das próprias preferências de aprendizagem e da possibilidade do desenvolvimento de outras contribuem para essa melhoria.

Os aspectos metodológicos que envolvem a educação a distância devem estar baseados em fundamentos que levem em consideração as especificidades do contexto virtual, do ponto de vista dos processos de ensino e de aprendizagem, e a construção desses fundamentos passa pela compreensão das características de tais processos.

3. Algumas perguntas e respostas: contribuições de um diálogo aberto

As perguntas aqui apresentadas são originárias das dúvidas, questionamentos e reflexões realizadas no 7ºSENAEAD. Portanto, nossa intenção está em responder o que está em forma de questionamento. O diálogo das pesquisadoras que desenvolveram este artigo passa pela experiência de pesquisa na temática e na possibilidade de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a teoria dos estilos de aprendizagem. Procuramos dar respostas objetivas na tentativa de esclarecer da melhor forma possível a intencionalidade da pergunta.

Em linhas gerais podemos agrupar as perguntas em cinco grandes grupos:

- de âmbito teórico;

- relação entre teoria e prática independente da modalidade de ensino (como devo agir, fazer, enquanto docente);
- desenvolvimento profissional docente;
- utilidade prática da teoria dos estilos, independente da modalidade de ensino;
- relação entre a teoria dos estilos de aprendizagem e a modalidade a distância.

Passemos, de seguida, à sua apresentação?

3.1 Teoria e conceitos teóricos

1-) As denominações dos estilos de aprendizagem segundo Alonso, Gallego e Honey: ativo, reflexivo, teórico e pragmático, refletem as mesmas características dos estilos propostos por Kolb? Seria apenas um novo nome para o que já existia?

R: Refletem as mesmas características e denominações pelo fato de Alonso, Gallego e Honey terem efetivamente se baseado nos estudos de Kolb, mas ampliam essas características, incluindo no questionário CHAEA - HONEY y ALONSO questões que se referem a aspectos sociais e de princípios de educação. O questionário original é caracterizado pelos princípios da psicologia, o questionário de Alonso, Gallego e Honey está direcionado a educação. Para acessá-lo visitem a página www.estilosdeaprendizaje.es.

2-) Seria a teoria dos estilos de aprendizagem um caminho para se repensar os modelos avaliativos?

R: Sim, é uma teoria que propicia um repensar da estrutura metodológica do processo de ensino e aprendizagem incluindo, claro, os processos de avaliação. Essa estrutura metodológica significa estratégias para que o processo de aprendizagem ocorra de forma ampla e significativa. Estas estratégias teriam uma intencionalidade avaliadora e isso ocorreria de forma contínua mediante o desenvolvimento dos conteúdos. O feedback do trabalho seria contínuo e os resultados da aprendizagem também, podendo ser corrigida ou direcionada de acordo com a dificuldade apresentada.

3.2 Relacionando a teoria com a prática

3) Qual a utilidade do aluno saber seu estilo de aprendizagem e o que fazer com este conhecimento?

R: Autoconhecimento para direcionar sua forma de estudar, ampliar suas competências e facilitar a aprendizagem. A aquisição de novas competências pode também torná-lo um aprendiz cada vez mais eficiente nas mais diversas situações de aprendizagem.

4) Mas quais seriam as atividades para cada estilo de aprendizagem?

R: Não existem atividades determinadas, mas sim a forma de construir a atividade com as características de cada estilo. Por exemplo, propor aos alunos que construam mapas conceituais pode demonstrar que a mesma atividade evidencia os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos de acordo com os mapas conceituais que foram elaborados.

5) O ideal seria que o resultado dos questionários se situasse com quantidades de escolhas próximas de cada estilo?

R: Sim, exatamente, porque isso significaria não predominância de um determinado estilo, havendo um equilíbrio é maior a possibilidade de sucesso em diferentes situações de aprendizagem.

6-) Devemos estimular o desenvolvimento dos demais estilos que se apresentaram em menor quantidade ou menos predominantes na avaliação do aluno?

R: Sim, isso é uma forma de ampliar as competências de aprendizagem dos alunos.

7-) O que fazer quando o meu aluno tem pouca evidência em um determinado estilo?

R: Estimular o desenvolvimento do estilo com pouca predominância através de uma diversidade de exercícios que o estimulem considerando também os demais. Entretanto, existem situações em que os alunos podem apresentar resultados similares de estilos, isso significa que existe uma flexibilidade na forma de aprendizagem o que é muito bom.

8-) Um aluno tem um estilo de aprendizagem predominante, mais marcante. Se oferecermos para ele material naquele estilo de aprendizagem, supostamente estaríamos facilitando a sua aprendizagem, pois ele aprenderia recorrendo aos recursos que ele têm mais desenvolvidos. Mas será que estaríamos mesmo contribuindo para o seu desenvolvimento? Será que não seria mais importante o contrário? Procurar incentivar aqueles recursos menos desenvolvidos nele? Por exemplo, se ele é um aprendiz visual, por que oferecer mais material visual e não verbal, auditivo etc.? Procurando incentivar aquilo que é menos desenvolvido nele?

R: Devemos facilitar o aprendizado do aluno nas duas formas, considerando sempre que é essencial diversificar possibilidades de aprendizagem para que ele potencialize a sua forma de aprender.

9-) Nosso objetivo é oportunizar caminhos para que o aluno aprenda (reconhecer seu estilo e explorá-lo em seu favor), mas num contexto de diversidade no qual todos os estilos se encontram ou trabalhando os estilos de aprendizagem predominantes num contexto de ensino individualizado?

R: Sempre trabalhar os estilos de aprendizagem em um contexto diversificado.

3.3 A teoria de estilos e o docente enquanto profissional

10) Qual a utilidade do professor saber seu estilo de aprendizagem e o que fazer com este conhecimento?

R: Melhorar sua prática pedagógica para facilitar o seu processo de ensino e a aprendizagem dos seus alunos.

11-) Professores que estão dispostos a conhecer os estilos de aprendizagem dos seus alunos poderiam ensinar melhor? Professores que conhecem seu próprio estilo de aprendizagem poderiam ensinar melhor?

R: Sim, poderiam potencializar os seus processos de ensino e os de aprendizagem dos seus alunos, em constante processo de aprendizagem e aperfeiçoamento também como profissional.

12) O que fazer quando eu como docente tenho pouca predominância do estilo ativo?

R: Vivenciar situações de aprendizagem que promovam o desenvolvimento das competências dos ativos, como por exemplo, atividades que estimulem a rapidez na resolução e a organização mental do material fornecido ou solicitado para a resolução da atividade.

13-) Como seria possível ao professor, que tende a ter um ou dois estilos predominantes em sua personalidade, preparar um material para um aluno com um estilo diferente do seu e avaliar este aluno de acordo com o seu próprio estilo?

R: Sendo capaz de conhecer a diversidade e diferentes possibilidades de aprender, ser flexível e ater-se aos objetivos de aprendizagem. Basta ele conhecer as características e demandas de cada estilo e planejar uma atividade com a qual os alunos se identifiquem.

14-) Seria uma solução designar professores com um estilo "x" para alunos com as mesmas características? Ou isso seria um problema, pois dificultaria que ambos desenvolvessem os aspectos dos outros estilos?

R: Sim, poderia se tornar um problema, o mais importante é estar na diversidade de estilos de aprendizagem evitando focar um ou outro, mas trabalhando o equilíbrio entre os quatro estilos.

15-) Como os estilos de “ensinagem” do professor podem levar em conta os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos? Respeitando o próprio estilo de aprendizagem do professor.

R: O estilo de “ensinagem” do professor está baseado nas suas próprias experiências como aprendiz e nas suas concepções sobre como as pessoas aprendem. O conhecimento sobre os estilos pode mudar essas concepções, o professor deve se autoconhecer e respeitar a diversidade dos estilos dos alunos ampliando sua forma de dar aulas e sua metodologia em sala de aula, é um desafio pessoal.

16-) Se os estilos de aprendizagem são flexíveis e não são definitivos, como preparar o material para um aluno que hoje apresenta ter um estilo de aprendizagem e amanhã pode ter outro?

Primeiramente é necessário entender que os estilos não mudam de um dia para o outro, depende de uma diversidade de fatores entre dentre eles a fase profissional em que esta, o desenvolvimento intelectual ao qual está submetido (cursos, pós-graduação, etc). Em segundo lugar deve-se considerar que preparar o material para este aluno, significa, elaborar um material com opções de formato e atividades que contemplem os diferentes estilos de aprendizagem.

17-) Devemos promover experiências a partir dos diversos estilos de aprendizagem, mas a questão principal é o que queremos com isso. Qual o objetivo?

R: Queremos ampliar a capacidade de aprendizagem por meio da vivência em diferentes situações, da colaboração efetiva entre pessoas de estilos diferentes, da consciência de que é possível nos tornarmos aprendizes mais competentes e do desenvolvimento efetivo de novas competências para isso. Queremos também tornar as situações de aprendizagem mais adequadas às diversas formas de aprender, propiciando experiências mais significativas e prazerosas tanto para os docentes quanto para os alunos. Acreditamos que dessa forma, contribuiremos para a melhoria da qualidade do ensino e do processo de aprendizagem.

3.4 A utilidade prática da teoria dos estilos independente da modalidade de ensino

18-) A educação a distância introduz elementos próprios e únicos no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, a aplicação dos estilos de aprendizagem na educação a distância é diferente na educação presencial?

R: Sim, a educação a distância tem seus elementos próprios e a educação presencial também. Portanto, os estilos de aprendizagem no ensino presencial são caracterizados de forma diferente a distância. Os principais elementos da educação a distância são: o virtual, a interatividade, o tempo e espaço e a complexidade na produção do conhecimento. Portanto, os estilos de aprendizagem quando aplicados na modalidade a distância, devem considerar esses elementos diferenciadores. A pesquisa mais recente sobre este tema

denominou os estilos de uso do espaço virtual, considerando esses elementos diferenciadores quando se trata de educação on line.

Os estilos de uso do espaço virtual são: estilo de uso participativo no espaço virtual, estilo de uso busca e pesquisa no espaço virtual, estilo de estruturação e planejamento no espaço virtual e estilo de ação concreta e produção no espaço virtual. O primeiro nível de uso considera a participação como elemento central, no qual o indivíduo deve ter a ambiência do espaço. Além disso, para realizar um processo de aprendizagem no virtual, este nível (nível A) necessita de metodologias e materiais que priorizem o contato com grupos online, que solicite situações online, realizar trabalhos em grupo, realizar fóruns de discussão e dar ações aos materiais desenvolvidos.

O estilo de uso busca e pesquisa no espaço virtual tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de fazer pesquisa online, buscar informações de todos os tipos e formatos. Este nível (B) caracterizou-se como busca e pesquisa, no qual o usuário aprende mediante a busca, seleção e organização do conteúdo. Os materiais de aprendizagem devem estar voltados a construções e sínteses que englobem a pesquisa de um conteúdo.

O estilo de estruturação e planejamento no espaço virtual (nível C) tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de desenvolver atividades que valorizem os aplicativos para elaborar conteúdos e atividades de planejamento. Essas atividades devem se basear em teorias e fundamentos sobre o que está sendo desenvolvido.

O estilo de ação concreta e produção no espaço virtual (nível D), que tem como elemento central para a aprendizagem a necessidade de realização dos serviços online e a rapidez na realização desse processo. Viabilizar com rapidez é um dos eixos centrais deste estilo de uso; utilizar o espaço virtual como um espaço de ação e produção, Barros (2007).

3.5 A teoria dos estilos com a modalidade a distância

19) Será que o aluno fruto da escola tradicional modifica o seu estilo de aprendizagem quando realiza a educação a distância?

R: Podemos dizer que algumas pesquisas demonstram que uma grande porcentagem de alunos em cursos a distância, possui um estilo de aprendizagem diferente do que o estilo identificado no presencial, utilizando o mesmo questionário que originalmente foi realizado considerando a aprendizagem presencial. Porém, precisamos ter cautela na comparação entre situações de aprendizagem presenciais e virtuais, por se tratarem de contextos diversos que requerem habilidades e competências diferentes e, portanto, podem priorizar e desenvolver estilos diferentes. Não podemos também nos esquecer de que EaD não é sinônimo de inovação pedagógica. Existem muitos exemplos de cursos EaD com abordagem pedagógica tradicional, baseada na transmissão de informação. Da mesma forma, não podemos considerar que todas as escolas adotam tais diretrizes. Portanto, acreditamos que o

desenvolvimento de determinadas competências e, conseqüentemente de estilos, pode estar relacionado à modalidade de ensino, mas certamente também dependerá da abordagem pedagógica adotada.

20) Os professores-tutores (imigrantes digitais) estão cientes dos estilos de aprendizagem, das diferentes características dos alunos e cursos ?

R: Não, em geral, quando muito podem estar preocupados com este tema em específico, mas têm uma ideia da existência de uma diversidade de preferências e estratégias de aprendizagem.

21) Podemos pensar em agrupar os alunos de acordo com seus estilos de aprendizagem oferecendo diferentes oportunidades de aprendizagem? Será que é possível realizar este agrupamento em um curso a distância?

R: A decisão de agrupar alunos com estilos iguais ou diferentes estará diretamente relacionada à natureza do conteúdo a ser abordado e a abrangência da proposta das atividades. Tarefas mais específicas beneficiam estilos específicos e tarefas mais amplas requerem a combinação de vários estilos na mesma equipe. O ideal é combinar diferentes estilos de acordo com as propostas das atividades, propiciando igualmente o desenvolvimento de novas competências que vão tornando os alunos aprendizes mais capacitados nas diversas situações de aprendizagem.

22-) Como escolher as melhores ferramentas para cada estilo de aluno?

R: As ferramentas e interfaces online podem ser escolhidas seguindo os critérios dos estilos, todas elas contemplam os estilos dependendo das estratégias pedagógicas utilizadas. Na verdade, a escolha das ferramentas não pode ser o foco principal, mas sim o uso que vai ser feito dela. Essa escolha deverá estar diretamente ligada à proposta da atividade, pois é ela que vai propiciar (ou não) a manifestação dos estilos e o desenvolvimento de novas capacidades, não importando se isso acontece no virtual ou no presencial.

Finalizando as respostas e continuando as perguntas

Em jeito de reflexão final, recordamos que este se trata de um primeiro ensaio, permitindo-nos retirar algumas ideias, ainda que pouco estruturadas ou preliminares. Além disso, novas questões surgidas a partir da prática e que demandarão estudos complementares certamente serão postas.

Tal como referimos no início deste artigo, a teoria dos estilos de aprendizagem parece apresentar inúmeras potencialidades no contexto específico da EaD.

Os questionamentos mais substanciais dos participantes no 7º SENAED canalizam para uma reflexão em torno dos conceitos teóricos propriamente ditos, mas também da relação entre teoria e prática, do desenvolvimento profissional docente, e ainda da utilidade prática da teoria dos estilos e da relação entre a teoria dos estilos de aprendizagem e a modalidade a distância.

Concluindo, os estilos de aprendizagem apresentam uma forma mais efetiva de ensinar, considerando e valorizando as diferentes formas de aprender, sem negligenciar o contexto dos aprendizes, oferecendo-lhes possibilidades de enriquecer o seu estilo predominante, mas também de desenvolver os outros estilos, buscando um equilíbrio que, conseqüentemente, o capacita e desenvolve as competências exigidas atualmente, tendo o virtual como aliado pois suas características abrangem essa diversidade.

Referências

ALONSO, C. M.; GALLEGU, D. Aprendizaje y ordenador. Madrid: Dykinson, 2000.

ALONSO, C. M.; GALLEGU, D. J.; HONEY, P. Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora. Madrid: Mensajero, 2002.

BARROS, D.M. (2007) Estilo de uso do espaço virtual para o trabalho educativo. Mestrado Erasmus Mundus - Acesso em: <http://2.euromime.org>

www.estilosdeaprendizaje.es

Se usted desea contribuir con la revista debe enviar el original e resúmenes al correo revistaestilosdeaprendizaje@edu.uned.es. Las normas de publicación las puede consultar en <http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/>. En normas para la publicación. Esta disponible en cuatro idiomas: portugués, español, inglés y francés.

NORMAS PARA LA PUBLICACIÓN EN LA REVISTA ESTILOS DE APRENDIZAJE

- > [Reglas Generales para Publicación de Artículos](#)
 - > [Normas de Estilo para la Publicación](#)
 - > [Procedimientos para Presentación de Trabajos](#)
 - > [Procedimiento de Arbitraje](#)
 - > [Políticas de la Revisión de Originales](#)
 - > [Descargar las normas](#)
- Periodicidad**

Semestral (primavera y otoño) con un mínimo de diez artículos por año. *Eventualmente podrá haber números extraordinarios.*

Reglas Generales para Publicación de Artículos

1. Serán aceptados los originales, inéditos para ser sometidos a la aprobación del Consejo Editorial de la propia revista.
2. Los trabajos deben tratar el tema estilos de aprendizaje y su entorno.
3. Los originales podrán ser publicados en: español, francés, portugués o inglés.
4. Las opiniones emitidas por los autores de los artículos serán de su exclusiva responsabilidad.
5. La revista clasificará las colaboraciones de acuerdo con las siguientes secciones: Artículos, Investigaciones, Relatos de Experiencias, Reseña de Libros y Ensayos.
6. La corrección ortográfica – mecanográfica -sintáctica de los artículos serán de exclusiva responsabilidad de los autores.
7. Después de la recepción, los trabajos serán enviados al comité científico para hacer la primera evaluación de contenido.
8. La segunda evaluación será realizada por los evaluadores externos.
9. El artículo será colocado en formato PDF (Formato de Documento Portátil - Acrobat/Adobe) por la coordinación técnica.
10. Las normas de la Revista están basadas en el modelo de la APA (American Psychological Association).

- **Normas de Estilo para la Publicación**

El modelo de la normas de la APA (American Psychological Association)

Referencias bibliográficas y webgráficas

Libros

Ejemplo:

Alonso, C. M y Gallego, D. J. y Honey, P. (2002) *Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora*. Bilbao: Mensajero.

Capítulos de libros

Ejemplo:

Domínguez Caparrós, J. (1987). "Literatura y actos de lenguaje", en J. A. Mayoral (comp.), *Pragmática de la comunicación literaria*, 83-121. Madrid: Gedisa.

Artículos de revistas

Ejemplo:

Alonso, C. M y Gallego, D.J. (1998) "La educación ante el reto del nuevo paradigma de los mecanismos de la información y la comunicación". *Revista Complutense de Educación*, 9(2), 13-40.

Referencias webgráficas

Libro:

Bryant, P. (2007) *Biodiversity and Conservation*. Disponible en: <http://darwin.bio.uci.edu/~sustain/bio65/Titlepage.htm> Consultado: 14/10/2007.

Artículo de un diario o de revista digital

Adler, J. (2007, Mayo 17). "Ghost of Everest". *Newsweek*. Disponible: http://newsweek.com/nw-srv/issue/20_99a/printed/int/socu/so0120_1.htm Consultado: 05/05/2007.

Citas y referencias en el texto

Citas no textuales

Ejemplo:

Alonso (2006: 21) afirmó que "la informática educativa... en el futuro".

Citas textuales

Ejemplo:

1. García (2003) señala que ...
2. En 1994 Freire describió el método ...
3. ... idea no textual (García, 2003)
4. García y Rodríguez (2005) han llegado a la conclusión de ...
5. ... idea no textual (Olid, 2000 y Rubí, 2001)

Si se trata de más de dos autores, se separan con ";" (punto y coma).

1. ... idea no textual (Gómez; García y Rodríguez, 2005)

Citas contextuales

Ejemplos:

1. La teoría de la inteligencia emocional ha hecho tambalearse muchos conceptos de la psicología (Goleman, 1995).
2. Kolb (1990) y Peret (2002) han centrado la importancia de las ideas abstractas en el álgebra lineal.

Citas de citas

Ejemplos:

1. Gutiérrez, 2003, citado por López (2005) describió los cambios atmosféricos a lo largo de los trabajos ...
2. En 1975, Marios, citado por Oscar (1985) estableció que...

Procedimientos para Presentación de Trabajos

1. Todas las colaboraciones deben dirigirse al e-mail: revista@learningstylesreview.com.
2. El texto debe estar en Word.
3. Entrelíneas: espacio simple.
4. Numeración de los epígrafes (1. xxx)
5. Hoja tamaño Din A4.
6. Letra Arial 12.
7. El título del trabajo: Arial 14 y negrita.
8. Nombre y apellidos (tal como se desea que aparezcan en la publicación), institución a la que pertenece o está afiliado. Población y país, su correo electrónico: Arial 10.
9. El Título, Resumen y Palabras-Clave deben ir en la lengua original y en inglés.
10. El Resumen debe tener el máximo de 150 palabras.
11. Las Referencias bibliográficas separadas de las Referencias webgráficas.
12. Las Palabras-Clave deben recoger entre 3 y 5 términos científicos representativos del contenido del artículo.
13. El autor debe enviar una foto (en formato jpg o bmp) y un currículum resumido con país, formación, actividad actual y última publicación (5 líneas).
14. El autor, si desea puede enviar un vídeo, power point, multimedia o fotos sobre el contenido del trabajo enviado.

Procedimiento de Arbitraje

Todos los manuscritos recibidos están sujetos al siguiente proceso:

1. La coordinación técnica notifica la recepción del documento.
2. El **Consejo Editorial** hace una primera revisión del manuscrito para verificar si cumple los requisitos básicos para publicarse en la revista.
3. El **Comité Científico** evalúa el contenido, y comunica a la Coordinación Técnica si está: A) Aceptado, B) Aceptado con correcciones menores, C) Aceptado con correcciones mayores y D) Rechazado.
4. La **Coordinación Técnica** envía los documentos a los Evaluadores Externos para un arbitraje bajo la modalidad de "Doble ciego".
5. La **Coordinación Técnica** comprueba si las dos evaluaciones coinciden. En caso negativo se envía a un tercer experto.

6. La **Coordinación Técnica** comunica al autor si el documento está: A) Aceptado, B) Aceptado con correcciones menores, C) Aceptado con correcciones mayores y D) Rechazado.
 7. Este proceso tarda aproximadamente tres meses.
 8. El autor deberá contestar si está de acuerdo con los cambios propuestos (si éste fuera el caso), comprometiéndose a enviar una versión revisada, que incluya una relación de los cambios efectuados, en un período no mayor a 15 días naturales.
 9. El **Comité Científico** comprobará si el autor ha revisado las correcciones sugeridas.
- Políticas de la Revisión de Originales**
1. El **Consejo Editorial** se reserva el derecho de devolver a los autores los artículos que no cumplan con las normas editoriales aquí especificadas.
 2. El **Consejo Editorial** de la revista está integrado por investigadores de reconocido prestigio de distintas Instituciones Internacionales. No obstante, puede darse el caso de que, dada la temática del artículo, sea necesario recurrir a otros revisores, en cuyo caso se cuidará que sean expertos cualificados en su respectivo campo.
 3. Cuando el autor demore más de 15 días naturales en responder a las sugerencias dadas, el artículo será dado de baja.